

Expedição Científica



PROJECTO

PICO

1991



PICO 1991

Sobre
a
Ilha do pico



19. É esta ilha chamada do Pico em respeito de um altíssimo pico que tem, que se levanta sobre as nuvens; de altura terá duas léguas grandes, se bem quem o sobe anda três, em respeito dos giros que faz ao subir; tem no cume uma grande caldeira que está sempre coberta de neve, de que sai um pico, no cume do qual está uma grande rotura que de contínuo está fumegando, tal que se lhe não sabe o fundo, porque, botando-lhe pedras, se não ouve estrondo algum. Suspeita-se ter rebentado por ele o fogo, antes que se descobrisse a ilha.
20. Sendo este pico tão alto, que em tempo claro, não sō é visto das ilhas vizinhas, mas de muitas léguas ao longe, havendo entre Faial e esta ilha um canal de mar menos de légua, tendo junto de si uns ilhéus, do Faial sō viam os ilhéus e não a ilha, tendo em si um pico tão alto. Também foi descoberta não sabemos por onde, nem o dia e ano, nem quem foi o descobridor, e o primeiro que nela entrou sōmente se diz seria Job Dutra, flamengo, senhor do Faial.
- Tem dezassete léguas de comprimento, de largo no mais estreito não são menos que duas, para o noroeste dista quinze léguas da ilha Terceira; é muito fragosa, falta de água, pouco trigo, abundante de vinho, que, de ordinário, dá trinta mil pipas, com muitas madeiras de cedros, treicho (sic) (1), faia e outras. Tem duas vilas, com seus capitães maiores e câmaras que a governam, com seu governador que é o capitão-maior do Faial, e no eclesiástico tem seu ouvidor.

(1) na cópia de José de Torres está escrito "freixo".

in: Crônicas da Província de São João
Evangelista das Ilhas dos Açores.

Frei Agostinho de Montalverne

Vol. 3, pág. 185

1962, Instituto Cultural de P. Delgada

Expedição Científica





PICO 1991

A ILHA DO PICO

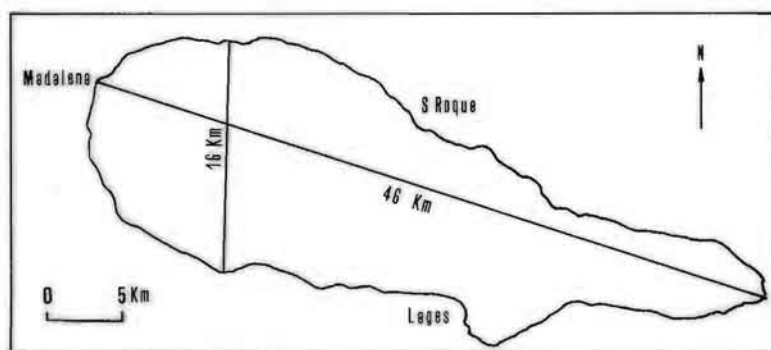
Introdução

A **ilha do Pico** pertence ao grupo central do arquipélago e representa 19,2% da área total deste, constituindo a segunda maior ilha dos Açores com 447,7km².

Apresenta uma forma oblonga e situa-se entre 38º 02' e 38º 34' de Latitude Norte e 28º 02' e 28º 33' de Longitude Oeste. Tem por comprimento máximo 45km, segundo um eixo WNW-ESE entre **Madalena** e **Ponta da Ilha** e de largura máxima 16km, segundo um eixo NNE-SSW entre **Arcos** e **Ponta de S. Mateus**.

Administrativamente encontra-se dividida em três concelhos: Lages do Pico, Madalena e São Roque do Pico.

Testemunha dos fenômenos vulcânicos, a **ilha do Pico** revela na sua morfologia a actividade vulcânica, de que, a última erupção descrita data de 1720 em Cabeços de Fogo.



Assim, apresenta um relevo vigoroso com 16,4% da sua superfície em cotas superiores a 800m, 41,2% em cotas inferiores a 300m e 42,4% em cotas compreendidas entre os 300 e 800m.

Individualizam-se duas grandes unidades morfológicas, uma mais recente, a **montanha do Pico**, outra mais antiga, o **planalto da Achada**. A faixa litoral



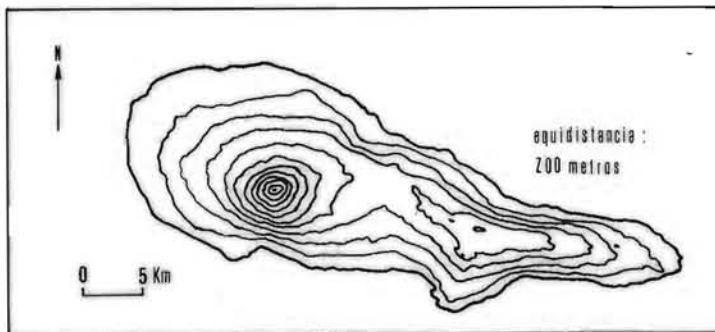


PICO 1991

é geralmente estreita com interrupções a Nordeste e Sudeste, espraiando-se a Ocidente e Noroeste.

A **montanha do Pico** constitui o ponto mais alto de Portugal, com 2351m de altitude (Pico pequeno e Piquinho). É um cone vulcânico perfeito e de grande imponência com declives médios acentuados (65%) e de grande imponência (de onde deriva o nome da própria ilha).

Ao contrário do que acontece com os aparelhos centrais do Arquipélago, este não apresenta ainda caldeira somital. O cone corresponde à parte ocidental e a sua última actividade foi descrita em 1718. As suas proximidades circundantes são



constituídas por extensos campos de lava onde surgem alguns aparelhos.

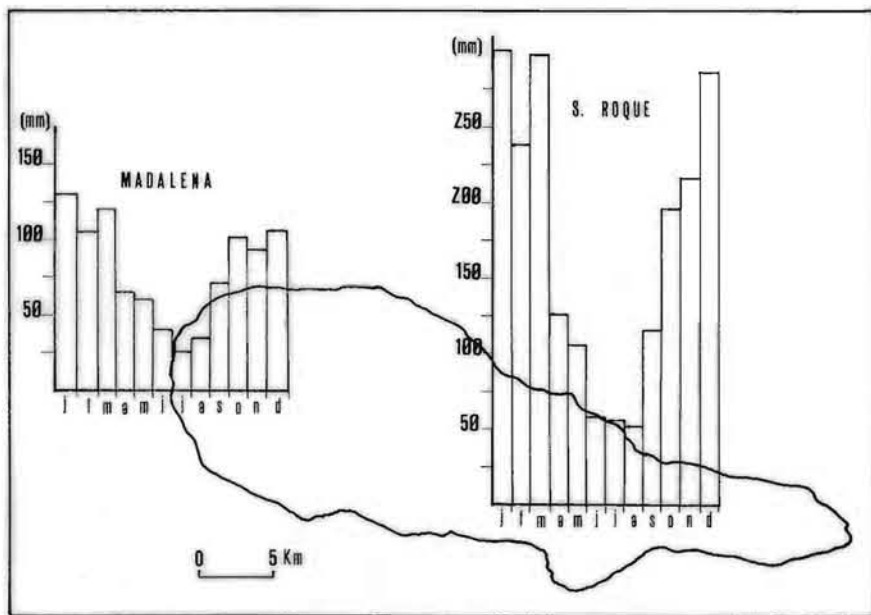
O **planalto da Achada**, com cotas compreendidas predominantemente entre os 700 e os 1000m de altitude, alonga-se a partir da base da montanha do Pico, onde é mais largo e afilando-se progressivamente para Este até à extremidade Oriental (Ponta da Ilha). Apresenta importantes alinhamentos e cones vulcânicos sendo Montanha do Topo o seu ponto mais alto e simultaneamente o que parece corresponder aos restos do vulcão mais antigo da ilha.



PICO 1991



Embora genericamente o clima seja classificado como oceânico húmido, existe uma forte diferenciação climática marcada pela altitude e condições locais. Assim, segundo a classificação de Thornthwaite, enquanto a área mais ocidental, a faixa litoral e as de média altitude, possuem um clima húmido, as áreas de altitude mais elevada do planalto da Achada e a montanha do Pico apresentam um clima super húmido, verificando-se ainda um aumento dos quantitativos



pluviométricos na encosta Norte.

A temperatura conhece também uma variação em altitude, o valor médio anual dela é de 17°C, com amplitudes térmicas diurnas na ordem dos 5°C. Os ventos



PICO 1991



dominantes sopram do quadrante Sudoeste e Oeste. A montanha do Pico é a que apresenta clima mais agreste, mesmo de Verão, observando-se nos meses mais frios a queda de neve e granizo. A rede hidrográfica é constituída por linhas de água de regime torrencial e lagoas nas crateras de altitude. As nascentes existentes situam-se junto ao litoral e nas bordas do planalto da Achada.

Os solos, no geral, por pouco meteorizados que são, têm fraca capacidade agrícola, requerendo a sua mobilização cuidados especiais. São compostos essencialmente por materiais lávicos (piróclastos de teor básico), estando as formações sedimentares apenas representadas áreas de meia encosta nas vertentes da montanha do Pico e numa faixa aluvial em torno da lagoa do Paúl.

As condições morfológicas da faixa litoral também não são favoráveis à fixação de vilas dotadas de porto, dada a deficiente protecção dos ventos e das marés, mas as necessidades de pesca e comércio local deram origem a pequenos cais que permitem a acostagem de barcos de menor tonelagem (S. Roque, Madalena e Lages).

Descoberta, ou "redescoberta" no século xv, em data inexacta, o seu povoamento deu-se por volta de 1460. Relativamente aos primeiros povoadores, parecem coexistir duas versões.

Não tendo o seu primeiro capitão Donatário (Álvaro Ornelas) chegado a tomar posse da ilha, esta é incorporada na capitania do Faial de quem era Donatário Jost de Utre, que traz para a Vila da Madalena colonos faialenses e flamengos. Por outro lado, parecem ser oriundos da Terceira e Graciosa os primeiros colonos das Lages e S. Roque.

Facto incontestável é a sua dependência administrativa e económica do Faial, que irá prevalecer até aos dias de hoje.

Manifesto é o papel polarizador da cidade da Horta que se reflete na importância que assume a vila da Madalena (ponto de ligação entre as duas ilhas). Lages foi a primeira vila do Pico, seguindo-se S. Roque em 1542 e Madalena em 1723. O povoamento faz-se então segundo um padrão linear, quase contínuo à orla da ilha.

Através de quinhentos anos de História, os picoenses desenvolveram várias actividades económicas das quais se destacam, no início, a cultura do trigo e a

Expedição Científica

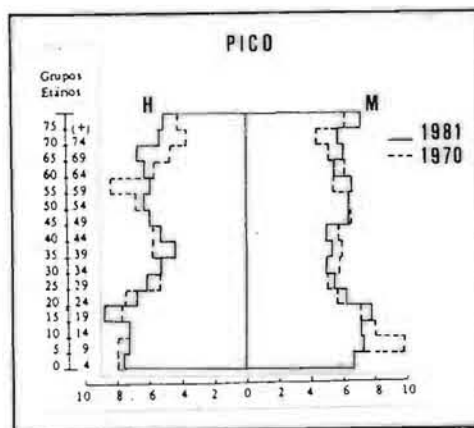


PICO 1991



exploração do pastel. Seguiu-se a transformação dos campos de lava em ricos vinhedos e pomares. Por fim, a presença dos baleeiros americanos vieram induzir uma nova actividade - a **caça ao cachalote** - que durante anos constituiu, além de fonte de rendimentos, um dos aspectos pitoresco da ilha.

A população do Pico, apresenta-se como a mais envelhecida da Região em 1981 (Índice de envelhecimento 84,5%), contribuindo decisivamente para tal os elevados índices de emigração. O índice de perda de população a partir de 1960 é superior à registada no conjunto do Arquipélago. Por outro lado, existe um forte desequilíbrio entre a natalidade e a mortalidade.



É também na ilha do Pico que se registam os valores mais elevados da taxa de analfabetização.

O sector Primário continua a ser aquele que domina na população activa, sendo nele que assenta a economia da ilha (42,2% do PIB em 1983), nomeadamente na produção agropecuária quase exclusivamente para consumo interno.

Esta agricultura de subsistência condiciona uma dependência da importação de produtos agrícolas. Somente a vinha, que na última década foi em parte

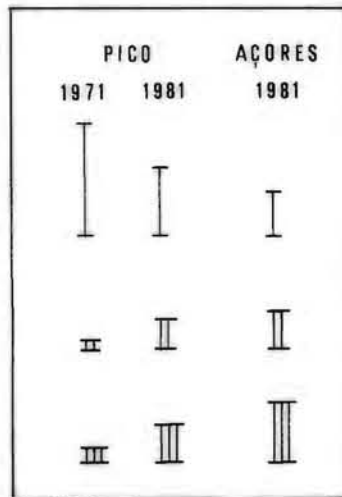


PICO 1991



abandonada, dá mostras de algum dinamismo, com a introdução, com sucesso, de novas castas e a tentativa de recuperar a imagem de qualidade do vinho Verdelho, famoso nos séculos anteriores. A actividade transformadora é reduzida e limitada à indústria de lacticínios.

O sector Secundário possui uma importância relativa (24,2% do PIB) que lhe advém do sector piscatório, indústria conserveira e pequenos estaleiros.



O Turismo não se revela uma actividade significativa, pese embora as potencialidades paisagísticas e etnográficas da ilha. Dotada de alguns empreendimentos hoteleiros, falta-lhe a divulgação a nível dos circuitos turísticos Regionais e exteriores.

Todas as actividades se ressentem de três carências básicas que condicionam as potencialidades da ilha: a falta de água, a carência de energia e a inexistência de mão-de-obra qualificada.



PICO 1991



A produção de energia e a captação de água são insuficientes, agravando-se ainda o problema com a deficitária rede de distribuição de ambos.

Também condicionante do Desenvolvimento, é o sector dos transportes: no entanto a abertura recente do aeroporto e as obras de melhoramentos dos portos existentes podem induzir uma nova dinâmica no sector.

Todavia a **ilha do Pico** continua a ver a sua população partir em busca de melhores condições de vida e o vazio que fica dificilmente é preenchido. O arcaísmo das estruturas existentes, o envelhecimento da população e as limitações que derivam da sua dependência da vizinha ilha do Faial são factores que levam a um Desenvolvimento difícil e penoso.

Texto elaborado pela:

Secção de Geografia
Departamento de Biologia
Universidade dos Açores



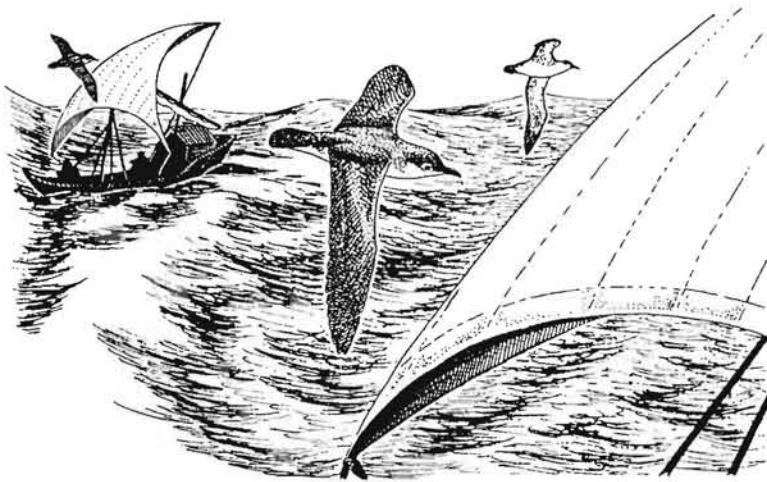
PICO 1991



A zona costeira do arquipélago dos Açores, é sem dúvida uma verdadeira fronteira entre o mundo terrestre e marinho, representando um dos ecossistemas mais ricos da Macaronésia.

Mal descrita e pouco conhecida, esta pequena parcela com cerca de cinco a sete milhões de anos de idade, é o meio mais transformado por numerosos factores inerentes à presença do homem.

São inúmeros os pontos do arquipélago em que o meio marinho é quase virgem, representando uma entidade original onde se reúnem espécies quer do continente europeu, quer americano, bem como do Mediterrâneo e trópicos.



O progressivo aumento da sua degradação - presentemente poder-se-á falar em poluição e sobreexploração em determinados pontos das várias ilhas que compõem o arquipélago - torna forçoso o seu estudo com implicações não apenas puramente científicas ou históricas.

Qualquer política de exploração que vise fins turísticos, culturais ou económicos, tal e qual uma política de conservação dos ecossistemas litorais, deverá assentar



PICO 1991



em bases científicas precisas que sō poderã ser elaboradas com profundo conhecimento da dinãmica destas populações ou comunidades.

Possuindo desde hã muito tempo a **Região Autônoma dos Açores** instituições e técnicos capazes de conduzirem de forma eficaz um programa científico de estudos multidisciplinares neste domínio, consegue-se uma vez mais (após as expedições científicas ao **TOPO/85**, **GRACIOSA/88**, **FLORES/89** e **SANTA MARIA e FORMIGAS/90**), reunir sob orientação do **Departamento de Biologia da Universidade dos Açores** um determinado número de individualidades científicas, normalmente dispersas, contando-se ã partida com a **Secretaria Regional de Agricultura e Pescas**, com a **Secretaria Regional de Turismo e Ambiente** e a **Universidade dos Açores** através dos **Departamentos de Geociências e Biologia**, ambos em Ponta Delgada.

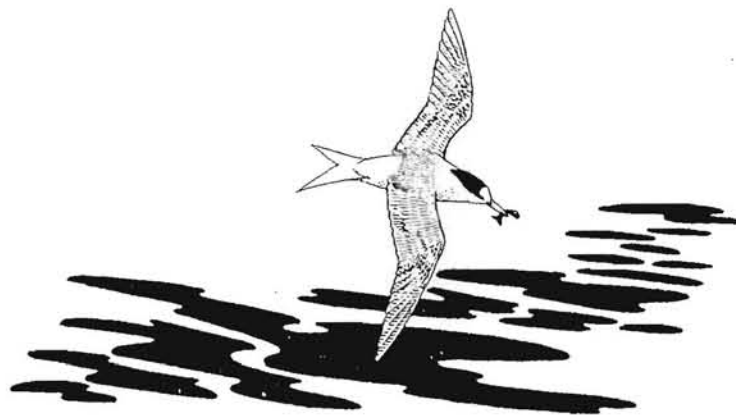
As **Universidades do Algarve, Coimbra e Lisboa - Faculdade de Ciências** - estarã igualmente representadas nesta grande expedição científica, o mesmo acontecendo com o **Instituto Nacional de Investigação Agrária - Centro Nacional para a Protecção Agrícola - Oeiras** e com as **Zonas Agrárias de Caldas da Rainha e Santarém**.

Como convidados estrangeiros, estarã entre nōs a **Royal Society for the Protection of the Birds - Inglaterra**, **Station de Zoologie - INRA - Antibes - França**, **Departement des Sciences Biologiques - Université du Québec - Canadá**, **JLB Smith Institute of Ichthyology - Grahamstown - África do Sul**, **Departement de Biologie - Faculté des Sciences et de Génie - Québec - Canadá**, **New Hampshire University - Estados Unidos da América** e o **Istituto di Entomologia Agraria - Perugia - Itália**, entre outros.

Expedição Científica



Departamento de Biologia





PICO 1991

A Ilha do PICO foi agora escolhida para a realização desta expedição por motivos vários e com diferentes objectivos, entre os quais:

- (o) a sua situação geográfica;
- (o) o seu grandioso tamanho;
- (o) a importância dos pequenos ilhéus existentes;
- (o) os diversificados ecossistemas que a compõem.

Todos estes motivos permitirão um estudo exaustivo (pelas diferentes equipas de investigação) dos diversos ecossistemas que apresentam grande variabilidade, especificamente relacionados com os diferentes factores físicos e bióticos que os constituem.

Para além dos dados científicos, que poderão ser objecto de publicação, será igualmente elaborada uma monografia sobre a Ilha do Pico, com especial relevo para os vários ecossistemas que a compõem.

Ficarão os responsáveis da linha de investigação de **Geografia física e humana** encarregues de elaborar uma descrição geográfica da ilha e ilhéus, aspectos sócio-económicos da utilização do solo e, se possível os aspectos geomorfológicos e geológicos.

Igualmente, cabe aos restantes responsáveis pelas diferentes linhas de investigação, a elaboração dum relatório de actividades científicas que servirá de base à final publicação dum **Relatório Preliminar sobre a ilha do PICO**.

A edição deste trabalho interessa aos organismos regionais ligados ao **Turismo, Educação e Cultura**, bem como aos sectores **Agrícola, Florestal e Pesqueiro**.



PICO 1991

LISTA DE PARTICIPANTES

Departamento de Biologia
Universidade dos Açores



- (o) Prof. Doutor JOSÉ NORBERTO BRANDÃO OLIVEIRA (responsável)
- (o) Prof. Doutor JOSÉ GUILHERME DE CAMPOS FERNANDES (responsável interino)
- (o) Doutor JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES (presidente da comissão organizadora)
- (o) Eng. Téc. Especialista DUARTE SOARES FURTADO (comissão organizadora)
- (o) Dr. FRANCISCO SOARES PINTO (comissão organizadora)
- (o) Dr. GIL FERRAZ DE CARVALHO
- (o) Doutor HENRIQUE JOSÉ DA COSTA SCHANDERL
- (o) Dra. FÁTIMA MELO MEDEIROS
- (o) Dra. MARIA LÚISA MELO OLIVEIRA
- (o) Dra. ANA ISABEL DE MELO AZEVEDO NETO
- (o) Dr. JOSÉ MANUEL VIEGAS DE OLIVEIRA NETO AZEVEDO
- (o) Dra. MARIA MANUELA DE MEDEIROS LIMA
- (o) Dra. MARIA JOÃO PEREIRA
- (o) Dra. ANA CRISTINA COSTA
- (o) Dra. CARLA MACHADO MENDES
- (o) Dra. MARIA DA ANUNCIÇÃO M. VENTURA
- (o) Dr. CARLOS ALBERTO GOMES RIBEIRO
- (o) Eng.ª. GRACIETE BELO MACIEL
- (o) Dr. JOÃO JOSÉ MONTEIRO M. PORTEIRO
- (o) Dra. HELENA MARIA G. PINTO CALADO
- (o) Eng. Téc. Especialista JOSÉ MANUEL PEREIRA D'ALMEIDA
- (o) Têc. Auxiliar MARIA JOANA TAVEIRA
- (o) Aux. Técnico JOSÉ MANUEL FARIAS VIVEIROS
- (o) Aux. Técnico PEDRO ALBERTO MANTUA PEREIRA
- (o) I.M.T. JOÃO MANUEL RAPOSO PAVÃO
- (o) I.M.T. MARIA DO CARMO SILVEIRA MATOS

Pessoal auxiliar

- (o) Sra. HELENA MEDEIROS (responsável p/cozinha)
- (o) Sra. ANA MARTINS
- (o) Sra. LÚISA FERREIRA *

* Departamento de Geociências





PICO 1991

LISTA DE PARTICIPANTES Regionais

- (o) Prof. Doutor **MÁRIO SALGUEIRO**
Departamento de Geociências
Universidade dos Açores - 9500 PONTA DELGADA
- (o) Dr. **JOÃO PAULO CONSTÂNCIA**
Rua de Santana, 40
9500 PONTA DELGADA
- (o) Florestal Estagº. **PEDRO MIGUEL ARRUDA**
Direcção dos Serviços Florestais
Largo de Camões - 9500 PONTA DELGADA

Expedição Científica





PICO 1991

LISTA DE PARTICIPANTES

Nacionais

- (o) Prof^ã. Doutora **MARIA LORETE CORREIA DA ANUNCIADA**
Unidade de Ciências e Tecnologias Agrárias
Universidade do Algarve - 8000 FARO
- (o) Prof^ã. Doutora **MARIA TERESA ALMEIDA**
Instituto Botânico - Apartado 3015
P-3049 COIMBRA
- (o) Prof. Doutor **LUÍS M. ARRUDA**
Faculdade de Ciências
Rua da Escola Politécnica, 58 - 1294 LISBOA codex
- (o) Doutor **JOSÉ EDUARDO MARTINS ORMONDE**
Museu, Laboratório e Jardim Botânico
- Universidade de Coimbra - 3049 COIMBRA
- (o) Engenheira **HELENA DORES BALTAZAR MATIAS**
Zona Agrária de Santarém
Rua Pedro Canavarro, 21 r/c - 2000 SANTARÉM
- (o) Engenheira **FELISBELA MARIA NOBRE DOS SANTOS**
Zona Agrária das Caldas da Rainha
Rua Leonel Sottomayor - 2500 CALDAS DA RAINHA
- (o) Eng^ã. Técnica **RITA PRECIOSA RUIVO SANTOS TEIXEIRA**
C.N.P.P.A. - Edifício I
Tapada da Ajuda - 1300 LISBOA

Expedição Científica





PICO 1991

LISTA DE PARTICIPANTES Internacionais

- (o) Prof. Doutor **JEREMY McNEIL**
Département de Biologie - Université Laval
Ste-Foy, Québec. CANADA G1K 7P4
- (o) Prof. Doutor **MALCOM SMITH**
Department of Anthropology. University of Durham
43 Old Elvet - Durham DH1 3HW - INGLATERRA
- (o) Dr. **PHILLIP CLARENCE HEEMSTRA**
J.L.B. Smith Institute of Ichthyology
Private Bay 1015 - Grahamstown - ÁFRICA DO SUL 6140
- (o) Doutor **ANDRÉ FERRAN**
St. Zoologie - INRA
37 Boulevard du Cap - 06602 - Antibes - FRANÇA
- (o) Prof. Doutor **DANIEL CODERRE**
Département des Sciences Biologiques
Université du Québec à Montreal
C.P. 8888, Succ. A, Montreal - CANADA H3C 3P8
- (o) Dra. **HEATHER BALDWIN**
Thornton Gore Road
Thornton, New Hampshire - 03223 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
- (o) Doutor **ADRIAN DeI NEVO**
Royal Society for the Protection of the Birds
The Lodge, Sandy, Bedfordshire
SG19 2DL INGLATERRA
- (o) Engenheira **CECILIA CZEPAK**
Istituto di Entomologia Agraria
Borgo XX de Giugno
Perugia - ITÁLIA

Expedição Científica





PICO 1991

LISTA DE PARTICIPANTES

Naturalistas

- (o) **António Guilherme Raposo** (a)
Rua Eng.º José Cordeiro
9500 PONTA DELGADA
- (o) **José Pedro Viegas Pinto** (b)
Banco Pinto e Sotto Mayor
Rua da Conceição, 106
9600 RIBEIRA GRANDE
- (o) **Dalberto Teixeira Pombo** (c)
Bairro dos Anjos, 10
Aeroporto de Santa Maria
9580 VILA DO PORTO
- (o) **Bruno de Medeiros Brum** (b)
Unidade de Cuidados Intensivos
Hospital Distrital de Ponta Delgada
9500 PONTA DELGADA
- (o) **Emanuel Raposo Furtado Pacheco** (d)
Universidade dos Açores
Rua da Mãe de Deus, 58
9500 PONTA DELGADA
- (o) **Tomás Carvalho de Sousa** (d)
Universidade dos Açores
Rua da Mãe de Deus, 58
9500 PONTA DELGADA

- nota:** (a) colabora a tempo inteiro com a equipa de **Geografia física e humana.**
(b) colaboram a tempo inteiro com a equipa de **Biologia marinha.**
(c) colabora a tempo inteiro com a equipa de **Introdução de Harmonia axyridis nos Açores - Ilha do Pico.**
(d) colaboram com todas as equipas na documentação em vídeo e fotografia.



PICO 1991



(o) Geografia física e humana

Prof. Doutor CAMPOS FERNANDES

Dr. João José M. Porteiro

Dra. Helena Maria P. Calado

Dra. Maria Manuela M. Lima

Prof. Doutor Mário Salgueiro

Dr. António Guilherme Raposo

Prof. Doutor Malcom Smith

- (o) observação no âmbito da Geomorfologia (formas do relevo, formas do litoral, formas de erosão, etc.) e do âmbito do ordenamento do território;
- (o) estudos sobre as características de uma bacia hidrográfica da Ilha do Pico;
- (o) os movimentos da população e estrutura da população numa vila da Ilha do Pico;
- (o) estudos sobre a arquitectura da casa rural;
- (o) estudos de vários parâmetros biodemográficos da população local, com vista à caracterização genética da mesma.

Expedição Científica



PICO 1991



(o) Flora e vegetação

Prof. Doutor BRANDÃO OLIVEIRA

Dra. Maria João Pereira

Eng.ª. Graciete Belo Maciel

Eng. T.éc. Esp. Duarte S. Furtado

I.M.T. João Manuel R. Pavão

Dr. João Paulo Constância

Florestal Pedro Miguel Arruda

Prof.ª. Doutora Teresa Almeida

Doutor José Ormonde

- (o) estudo da distribuição, status e fenologia das espécies vasculares endêmicas. Colheita de algumas espécies para herborização;
- (o) colheita de sementes em particular das espécies endêmicas mais ameaçadas para ensaios de germinação e inclusão no banco de germoplasma;
- (o) estudo da distribuição e dinâmica das espécies exóticas mais agressivas;
- (o) primeira aproximação à cartografia da vegetação da ilha do Pico.

Expedição Científica





PICO 1991

(o) **Biologia marinha**

Dr. JOSÉ AZEVEDO

Dra. Ana Neto

Dra. Ana Cristina Costa

Naturalista José Pedro V. Pinto

Naturalista Bruno de M. Brum

Prof. Doutor Luís M. Arruda

Doutora Heather Baldwin

Doutor Phillip Heemstra

- (o) cartografia biofísica das Lages do Pico:
 - (o) levantamento topográfico;
 - (o) caracterização do substracto;
 - (o) caracterização e delimitação das principais biocenoses.
- (o) elaboração de colecções de referência dos seguintes grupos de organismos marinhos:
 - (o) algas;
 - (o) moluscos;
 - (o) crustáceos;
 - (o) equinodermes;
 - (o) peixes.
- (o) estudo alométrico e ecológico das populações de *Grapsus grapsus* (carangueijo-fidalgo).
- (o) todas estas actividades serão complementadas recorrendo à fotografia subaquática.

Expedição Científica





PICO 1991

- (o) Introdução de *Harmonia axydiris* nos Açores
(o) ilha do Pico

Doutor HENRIQUE SCHANDERL

Dra. Maria Anunciação Ventura
Eng. Téc. Espec. Pereira d'Almeida
Técã. Auxiliar Maria Joana Taveira
Naturalista Dalberto T. Pombo
Doutor André Ferran
Doutor Daniel Coderre

Introdução de *Harmonia axyridis* PALLAS (Col., Coccinellidae)
nos Açores.

- (o) introdução de *Harmonia axydiris* PALLAS;
(o) recolha de predadores entomófagos das famílias Coccinellidae,
Psilidae e Crisopidae;
(o) prospecção e recolha de afídeos.

Expedição Científica





PICO 1991

- (o) Entomologia
(o) pragas agrícolas e insectos parasitóides

Doutor JOÃO TAVARES

Dra. Luísa Oliveira

Dr. Francisco S. Pinto

Aux.Téc. José Viveiros

Aux.Téc. Pedro Pereira

Profª.Doutora Lorete Anunciada

Engª. Felisbela Santos

Engª. Helena Matias

Engª.Técª. Rita Teixeira

Prof.Doutor Jeremy McNeil

Engª. Cecília Czepak

- (o) inventário dos insectos parasitóides nos principais biotopos de aptidão agrícola;
- (o) inventário de lepidópteros nocturnos;
- (o) inventário das doenças, das pragas e dos inimigos naturais nos biotopos com *Myrica faya* Ait. (Myr., Myricaceae);
- (o) bioecologia da praga lagarta-das-pastagens *Mythimna unipuncta* (Haworth) (Lep., Noctuidae).

Expedição Científica



PICO 1991



(o) Microbiologia

Dra. CARLA MANUELA M. MENDES
Dr. Carlos Alberto G. Ribeiro

Pesquisa de agentes entomopatogênicos:

- (o) colheita de insectos com sintomas patológicos;
- (o) recolha de amostras de solo para isolamento de entomopatogênicos.

Expedição Científica





PICO 1991

(o) Ornitologia

Dra. FÁTIMA M. MEDEIROS

Doutor Adrian Del Nevo

- (o) distribuição de *Sterna dougallii* e *Sterna hirundo*;
- (o) nidificação, ecologia alimentar e crescimento dos jovens das espécies acima mencionadas;
- (o) captura e anilhagem de outras aves marinhas;
- (o) observação de espécies migratórias marinhas e terrestres;
- (o) dinâmica populacional de passeriformes em diferentes habitats daquela ilha;
- (o) captura de espécies pertencentes a *Passer domesticus*.

Expedição Científica



PICO 1991



(o) Mamalogia

Dr. GIL FERRAZ DE CARVALHO

I.M.T. Maria do Carmo S. Matos

Estudo da dinâmica populacional do Coelho-bravo *Oryctolagus cuniculus* L.

METODOLOGIA

Processos indirectos (1ª fase)

- (o) marcação dos locais a estudar;
- (o) observação e contagem;
- (o) diferenciação entre jovens e adultos;
- (o) aplicação de estatísticos.

Expedição Científica





PICO 1991

DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DO PICO,
E DE SEUS PRIMEIROS POUADORES,
E DE TODAS AS MAIS COUZAS
DIGNAS DE MEMORIA

O primeiro homem, que se pratica por certo auer entrado (1) nesta Ilha para a pouoar foi hum Fernando Aluerez Euangelho, o qual uindo a buscar a tomou polla parte do Sul, e uindo no barco busca la costa (sic) saltou em terra aonde se diz o penedo negro, e com elle hum cão que trazia, e o mar se leuanto do modo que não deu lugar a ninguem mais saltar em terra, e aquela noite se leuanto uento, do modo, que a carauela ao outro dia não appareceo, e elle se ficou na Ilha com o seu Companheiro o Cão; e nella esteue hum anno sustentando se das carnes dos porcos, e outros gados brabos, que com o cão tomava (que como o Infante quando as descobrio em todas mandou botar gados, auia nellas, quando depois se pouoarão muita multiplicação delles).

No cabo do anno tornarão os Companheiros a buscar a Ilha polla mesma parte, e uindo com melhor marê, e como elle já estaua pratico na Costa emcaminhou os pera o porto, aonde agora he a freguezia das ribeiras em que saltarão, e se festejarão como conuinha tratando de sua pouoação logo por esta parte, sen (sic).

Dos coais os dous pricipaes pouoadores, forão o ditto Fernando Aluerez e Jurdão Aluerez Caralta: Este ficou pouoando aly aonde saltou; e o Fernando Aluerez, começou a Sua polla parte aonde se diz a Ribeira do Meio.

Outros dizem, que os primeiros pouoadores da Ilha foram os que mandou o Capitão Jõs D'Utra da Ilha do Fayal, donde dizem, que estando hum dia a sua janela lauando as mãos ao sahir do sol se lhe descobrio a Ilha e que mandando hum barco a ella com gente forão tomar a parte do Sul, aonde agora estã a Freguesia de S. Matheus, aonde a Ilha faz ponta ao mar, e o Pico fica mais Vizinho, que se deuia ser a parte, que ao Capitão // se descobrio, e aly fizerão sua pouoação e he a Ilha tam fragosa, que estes pouoauão por esta parte, e os outros polla outra, e assim estiuerão alguns annos sem saber huns dos outros, e não se meteu tam pouco tempo, que o Capitão não negoceasse a Capitanhia da Ilha pera si.

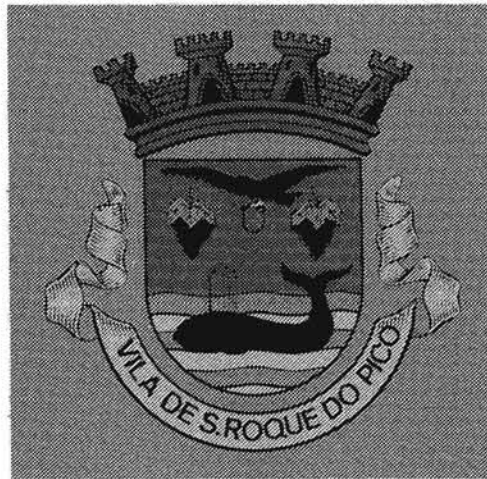
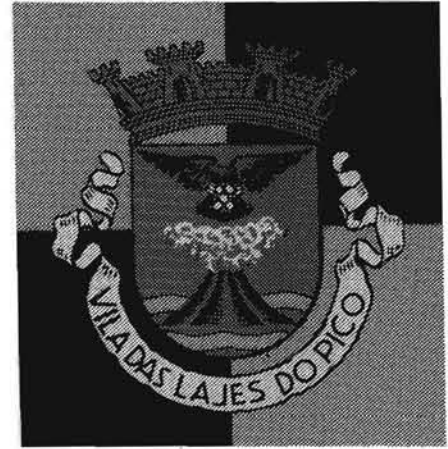
Porque se pratica por certo, e collige de papeis, que tendo estes primeiros pouoadores andando monteando noticia dos outros rompendo polla Serranhia foram ter com elles, e communicando se acharão entre si, que os que Vierão de fora erão os primeiros que entrarão na Ilha, e dizendo que pouoauão aly por ordem do Capitão Jos D'Utra que o era della, se forão ter com ellê, e contando lhe o estado em que

Expedição Científica





PICO 1991



estauão e o tempo que auia, os festeiou, e estimou muito e forão sempre os de quem mais cazo fez com aquella Ilha, e mais em particular do Fernando Alueréz, ao qual cometia suas uezes por seus Aluarãs para o que conuinha ao bem commum de todos os quais por ser boa antiguidade, e porque delles se collige que pouco mais ou menos por este tempo a Ilha foi pouuada os botarei aqui, com algũas outras fintas, que pollos tempos mais adiante se forão fazendo, donde se uẽ a pouca pouoação que por estes tempos na Ilha auia.

- (1) Estava escrito: **saltado**, foi emendado com tinta diferente e ressalvado à margem para: **entrado**.

In: **Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores.**

Frei Diogo das Chagas

Direcção e Perfácio de Artur Teodoro de Matos. 1989, 729pp.





PICO 1991

Uma montanha pitoresca
O Fuji-Yama dos Açores

Chegamos ao Cais do Pico depois de uma hora de travessia a partir das Velas. A distância é de 10 milhas. Aqui o navio nem sequer parou; os passageiros e a mala foram desembarcados para lanchas e seguimos logo para o porto imediato, a Horta.

Já falei antes do Fuji-Yama dos Açores. É a montanha que se eleva a meio desta ilha. O seu verdadeiro nome é o Pico, ou Pico Alto. Naquele dia, 29 de Setembro, a montanha estava envolta em nuvens negras e espessas de alto abaixo. Apenas se lhe podiam ver as abas descendo em declive suave para o mar. Pequenos vulcões parasitas viam-se espalhados por aqui e por ali pelas faldas da montanha. Vistos de longe, parecem pequenos montes, como os que constroem as formigas, mas na realidade são montanhas de altura respeitável, de 50 a 250 pés de altura.

No regresso a 2 de Outubro, ancoramos aqui e demoramo-nos umas três horas. De manhã estava bom tempo, mas depois cobriu-se o céu de nuvens, aí pelo meio dia, quando nos aproximavamos do Cais do Pico e por fim desatou a chover. A montanha estava completamente coberta. Não pude afinal desembarcar nesta ilha, mas quando tratar da ilha do Faial, farei referência à montanha, vista de lá.

A ilha do Pico é a terceira (???) em grandeza, no arquipélago dos Açores e fica umas dez milhas a sudoeste de S. Jorge, quasi paralela com esta ilha. Não é tão comprida como São Jorge, mas tem duas vezes e meia a largura desta. A metade ocidental da ilha é quasi redonda, adelgaçando para leste com a forma de uma cunha. Um pouco ao sul do centro da parte arredondada ergue-se a montanha do Pico.

Não sou a primeira pessoa a baptizar a montanha com o nome de Fuji-Yama dos Açores. Já pelo menos cinco anos para trás um turista americano lhe tinha dado esse nome (1).

Pelo que diz respeito à altitude da montanha, cada autor lhe tem atribuído um número. Por exemplo, 2042m (Boid), 2274m (Brown), 2320m (Hartung, Guppy, Baedeker, Proença), 2384m (Adams), 2625m (Friedlander). Perguntei por isso ao coronel Agostinho qual a sua opinião e obtive como resposta que a medida mais recente e digna de confiança dera 2345 metros. É este o número que ele menciona no seu trabalho (2).



PICO 1991



Acrescente-se que, pelo que toca à forma da montanha, algumas gravuras antigas, impressionistas, mostram os flancos dela muito inclinados. Na estampa do livro de Boid vemos ângulos agudos de 40-60 graus e na figura de Heather o contorno aparece com cerca de 60 graus. Hartung, porém, em 1860, mediu o declive cuidadosamente em oito direcções direfentes e chegou à conclusão que em todas elas a inclinação ia quando muito a 35 graus, já perto do cume da montanha. Os seus esboços mostram cerca de 3 a 5 graus perto da base, 12 a 20 graus a meio, e 35 graus perto do cume. Guppy calculando o declive pela altura e distância à costa mais próxima, do lado do sul, achou um ângulo médio de 27 graus. Ele faz notar que mesmo assim este declive é bastante superior ao da montanha de Tenerife, que apresenta um declive de 15 graus apenas.

Bullar deixou um interessante relato da sua ascensão, feita durante a sua estada nesta ilha em Maio de 1939. Os leitores devem lembrar-se de que há cem anos isto era um acontecimento notável, pois nem se podia alugar um cavalo ou burro para transporte, nem encontrar cama numa hospedaria. A dificuldade de viajar nesta ilha deveria ser nesse tempo muito grande. Embora ele não faça menção disso, é provável que tenha partido da Madalena, povoação perto da costa. Bullar levou nove horas a subir a montanha e três a descê-la. Pelo que toca a calçado, sapatos, botas ou sandálias de couro, eram totalmente impróprias. Levou um par de botas fortes, de caça, que se mostraram excelentes; nem muito pesadas, como se poderia esperar, nem susceptíveis de escorregarem ao passar nos rochedos e pedregulhos. E maior curiosidade apresenta isto pelo facto de naquele tempo ninguém ter pensado ainda em calçado de montanhês, daquele gênero, como hoje se usa.

Foi no dia 10 e 11 de Maio que Bullar e os seus companheiros fizeram a ascensão e viram que, perto do cume, o orvalho que se tinha depositado nas concavidades da lava, se tinha coberto de uma camada de gelo durante a noite. Guppy afirma que a neve no Inverno não se mantém com grande espessura, mas no fim de Abril ainda se pode ver alguma neve acumulada nos lugares onde não bate o sol, e em buracos. Em Junho ela desaparece completamente. Uma fotografia que comprei a um fotógrafo na Horta, tirada em Abril de 1934, mostra o Pico branco de neve por ali abaixo até perto do quarto "gô" (3). Isto parece contudo ser um caso excepcional.



PICO 1991



T. H. Huxley fala desta montanha no fim do diário da sua famosa viagem a bordo do "Rattlesnake". Quando vinham de volta para a pátria, o navio tocou nos Açores e Huxley subiu ao Pico. Foi isto em Outubro de 1850. Ao ver esta linda montanha, de longe, ainda no alto mar, imaginou como seria belo ver nascer o Sol lá do cimo e pôs na ideia subi-la.

Convidou alguns membros da tripulação, desembarcou, contratou uns carregadores e alugou um cavalo. Começaram a subida à tarde e dormiram a meio do caminho. Levantando-se depois pelas duas horas da madrugada, continuaram a subida com auxílio de archotes. Ao aproximarem-se porém do cimo, Huxley foi atacado repentinamente de fortes palpitações do coração, devido à sua idade. Não pode por isso caminhar mais e deixou-se ficar ali mesmo. Os seus três companheiros chegaram lá cima. Como o caminho que seguiam ficava do lado oeste da montanha, não puderam ver o nascer do Sol, mas o cenário oferecido pelas nuvens e pelo mar, ao alvorecer, visto em redor, de uma altitude superior a 7000 pés, era indescritível. Ele escreveu com grande admiração: "Se alguém tentasse pintar um cenário destes, teria de juntar em si próprio a arte de Ticiano, de Claude e de Turner".

Pelo que diz respeito a descrições científicas desta montanha, do seu formato e da sua constituição geológica temos em primeiro lugar a de Hartung. Segundo Friedlander, é notável a ausência de tufo, de cinzas e de blocos, e a lava consiste principalmente de basalto contendo boa percentagem de feldspato. Além disso contém grandes cristais de olivina e augite. O ponto mais alto da cratera fica no bordo leste da mesma, a qual tem uma profundidade de 70 metros aproximadamente. No lado de nordeste existe um cone mais pequeno com uma segunda cratera.

A respeito da flora desta montanha deu Guppy (1917) informações detalhadas baseadas na sua própria exploração dela e distinguiu três zonas de distribuição das plantas, tal como se segue, corrigindo opiniões anteriores.

A primeira é a zona de mato, interior, ou zona da **Myrica**, que se estende desde a beira-mar até uma altitude de 2000 a 2500 pés. Abundam nessa zona **Myrica faya**, **Erica azorica**, ou urze e **Laurus canariensis**. A segunda é a zona de mato, superior, ou zona do **Juniperus**, que vai da altitude de 2000 pés até à altitude de 2500 pés,





PICO 1991

embora haja arbustos mais para cima, até uma altitude de 5500 pés. Entre 2000 e 3000 pés a flora é de transição da zona da *Myrica*, encontrando-se ali plantas das duas zonas, misturadas.

Característicos da zona do *Juniperus* são *Juniperus oxycedrus* var. *brevifolia*, *Daphne laureola* e *Euphorbia stygiana*, além de alguns fetos, tais como *Dicksonia culcita* e *Aerostichum squamosum*. A terceira zona, a do cume, vai dos 5500 pés até ao alto da montanha. Por entre a lava e as escórias apenas vegetam por ali *Calluna vulgaris*, rapa, *Thymus serpyllum* var. *angustifolius*, *Mensiesia polifolia*, etc.

Além das três zonas mencionadas pode ainda considerar-se uma zona de terras altas, húmidas, entre as altitudes de 2000 e 4000 pés. Esta área alargou-se notavelmente, graças à limpeza sem mais consideração da zona do *Juniperus*. Aqui vemos plantas bem comuns e características, tais como: *Pteris aquilina*, *Polytrichum* e *Sphagnum*.

- (1) - Lawton Mackall, 1931. "Portugal for two". New York.
- (2) - No recente levantamento geodésico, feito pelo Instituto Geográfico e Cadastral, achou-se que a altura exacta do Pico é de 2352 metros - (J.A.)
- (3) - Os japoneses dividem o declive de uma montanha em 10 secções, ou "gôs", numerando-os de baixo para cima. Assim, o 4º "gô" corresponde a 4/10 a partir do sopé da montanha.

In: Uma viagem pelo Arquipélago dos Açores.
HIROSHI OHSHIMA, 1956
Açoreana, vol.V, nº.3, 272-276





PICO 1991

BALEIA

espectáculo de vida e de morte

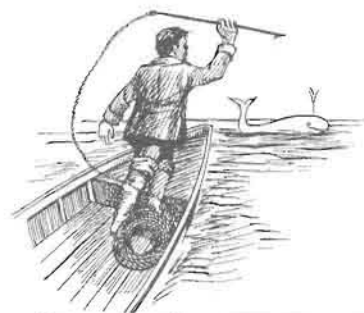
Tomemos a ilha do Pico como ilha-padrão, centro baleeiro excepcional. No período de 1954 a 1963 sō o Pico teve, ā sua conta, a maior produçāo, num total de 1181,4 toneladas. Quase todo o Arquipēlago açoriano (e a Madeira) actuam, vivem e sentem na sua pele todo o dramatismo, a beleza e a grandiosidade do espectāculo ũnico: a pesca ā baleia, ou, mais concretamente dizer, ao cachalote. Animal de formas descomunais, possante de força. A cabeça ē enorme, mais de um terço do corpo. O espermacete, o cērebro, pode dar de 12 a 15 barris do melhor ōleo. Alguns medem uns bons puxados 25 metros. Mais parecem embarcações. A BALEIA como o vulgo lhe chama, ē o melhor e ũnico espectāculo desta gente. O homem bate-se herōicamente, quase corpo a corpo, com o colosso. Grande batalha, grande luta, em que muitas vezes o mais forte, sem dũvida, o cachalote, acaba por vencer mas, depois, termina na situaçāo de vencido. Vitōria, derrota ou morte nada importa ao baleeiro. Quando o sinal soa de **baleia ā vista**, quase sempre dado por foguete, o baleeiro larga tudo, agiganta-se, as forças redobram-se-lhe estranhamente. Tudo o empolga para a luta.

Um dos elementos primordiais desta pesca ē o vigia. Firme no seu posto, sentinela alerta, com os olhos sempre postos no mar. Sempre na mesma posiçāo, binōculo assestado. Para ele nāo hā horārios: de manhā atē quase ao sol posto. Mal come e mal dorme. A vigia ē um pequeno compartimento: um espaço exĭguo que mal dā para respirar e atē para espreguiçar. Estā equipada com aparelhos de rādio-telefone.

Hā 6 vigias no sul do Pico, a zona principal das operações e a onde hā mais armações (S. Mateus, Lages, Ribeiras e Calheta). Estas vigias estāo distanciadas umas das outras cerca de 100 metros e em sĭtios altos. Os vigias vēm de pais para filhos. Nāo ē ganha pāo que sorria, pois tēm apenas de soldada mensal 350\$00, acrescida de mais duas diārias, calculadas na produçāo e despesas das campanhas. Hā mais de uma vintena de anos que eles, pacientemente, aguardam um equitativo salārio!

Mal o primeiro aviso soa - um foguete - a vida de um povo fica em alvoroço. Todos deixam o que estāo a fazer para em gritaria e correria se apressarem para o varadouro. Noutro lado, celebrava-se, judicialmente um contrato de penhora. Tudo desapareceu, o juiz, mais as outras personagens intervenientes.

Expediçāo Cientĭfica



PICO 1991



Um casamento: noivos e convidados lã foram a correr por motivo da baleia.
Um enterro: o padre, o sacristão e os acompanhantes deixaram o morto, a caminho do cemitério e abalam para a baleia. A vida parou nos ponteiros do relógio dum povo. Sõ a vida dele recomeça quando a pesca finalizar.

Entretanto os baleeeiros aprestam-se. Retiram os barcos, cascas de noz dos, barracões onde se encontram. Tomam posições.

Normalmente a tripulação compõe-se de sete homens: **trancador**, **bair**, **ante-avante**, **avante-ã-ré**, **vogal** e **oficial**, que faz de **mestre**. Todos eles têm a sua missão. Os remos cadenciados vão cavando vigorosamente as ondas, enquanto um barco, ao largo, a motor, lhes presta assistência e o vigia vai indicando a rota do cardume. A casca de noz quase que voa em direcção ao cardume, que velozmente foge como seta. É extraordinário o esforço destes homens que para chegarem primeiro ã luta. Chamam nomes uns aos outros, os piores que não figuram na escala da dignidade humana. Mas é como nuvem que paira apenas naquele instante. Quando a distância é grande e o vento é de feição os panos das velas correm e funcionam cada uma delas com sinais pintados a negro: quadrado, estrela ou losango, etc., distintivos das empresas de cada companhia. Quando se aproximam da presa, fazem-no com toda a cautela, pois o cachalote tem grande sensibilidade auditiva.

Os olhos dos cetáceos são pequenos, mal se vêem. Olham em frente. Por isso, a embarcação tem de o acompanhar lado a lado, quase em silêncio. Momento arrepiante e de expectativa. Os corações param. O ar engole-se. Uma suspensão de viver. O arpão é disparado quase a um metro de distância, por mão certa, tal e qual como o toureiro farpeia o touro no redondel. O arpão é um ferro com 57cm, de lâmina e 2 metros de cabo. Quando a baleia fica mal trancada aplicam o **Chatuope**, que vai aguçar o arpão. A presa sente-se mortalmente ferida e lança-se, precipitadamente, na fuga. O espectáculo ganha, então, mais emoção, mais calor. Mas, o arpão está ligado ao cabo de reboque (**estropo**) deixando correr a linha sem conta e a grande velocidade, sobre o mar agitado e tinto de cor vermelho. Sangue por toda a parte. Um verdadeiro mar vermelho.

Quantas vezes, o colosso não sã atira com a embarcação para o mar, desfazendo-a, em pedaços, mas também volta-se para os homens, de boca aberta, como fera autêntica.

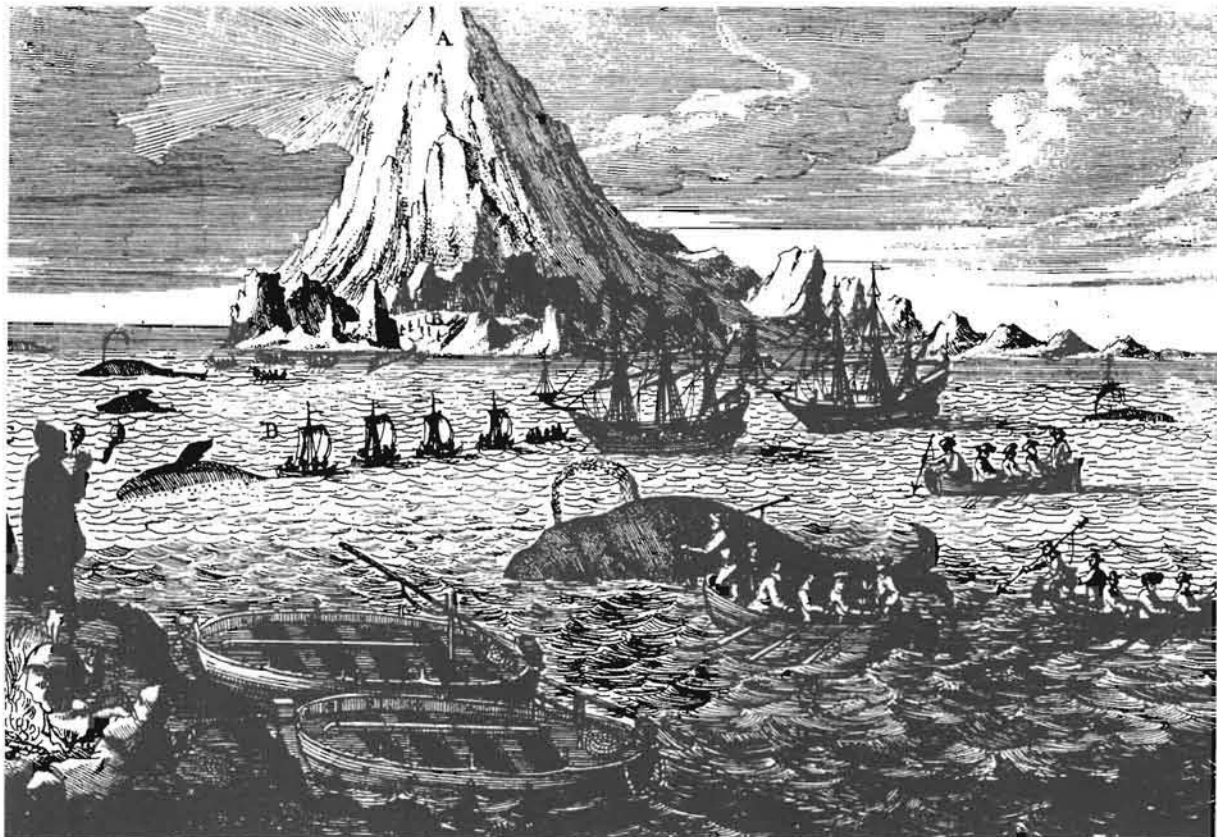
Expedição Científica





PICO 1991

Noutras vezes não é o cachalote, a causa da morte, é a falta de cais, como aconteceu em 9-XI-1967, com a canoa **Cristóvão Manuel**, de Santa Cruz da Graciosa, que num rude golpe de mar se virou, perecendo os seis tripulantes, salvando-se apenas um, o arpoador Firmino Rodrigues.



Expedição Científica



PICO 1991



Nestes lances, de morte ou de vida perdem-se vidas de muitos baleeiros. Quantas vidas este misterioso mae não guarda no seu seio!?

"Manuel Alves continuando a desafiar a tão interessante quanto eriçada meada de aventuras de baleeiros, diz-nos: um dia arriámos a um cardume de baleias pela Queimada fora. No bote em que arriei, ia de oficial o mestre José Alves, um valentão que tinha andado embarcado em baleeiras americanas durante muitos anos.

Uma hora depois, estāvamos sobre elas e trancámos uma; mas esta rolando, ferida pelo arpão, revirou o bote, partindo-lhe uma tábua. Ainda assim tivemos sorte, porque a baleia ficou ali parada, dando tempo de cortar a linha, pois, se tivesse caminhado com o bote, deixando-nos sobre a água desamparados, poucos teriam escapado, porqu sō nos chegou socorro cerca de uma hora depois do desastre.

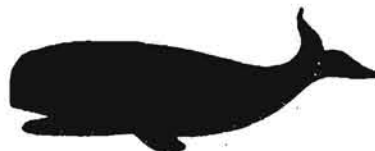
O bote era pequeno, medindo apenas 27 pēs e alēm disso estava tripulado por oito homens, na maioria velhos. Durante essa hora de espera, que pareceu um dia, o mestre, mandou-me e a outro mais novo, que juntassemos as cestas, remos e tudo quanto pertencia ao bote e andavam sobre o mar, dispersos ā deriva.

Sucedeu, porēm, numa das vezes em que me aproximei do bote, o mestre José Alves, meu tio, chamar-me. Obedeci, chegando-me para junto dele, que se encontrava agarrado ā borda do bote um tanto aflito. Na boa fē de lhe prestar auxílio, abei-rei-me do homem. Ele, então, num esforço supremo, prendeu-se com mais energia ā borda do bote, trancou os pēs nos meus ombros e atirou-se para cima do bote.

Enquanto ele subia, eu descia a boa profundidade, e tomado de surpresa, bebi grande quantidade de água mas, quando voltei acima e me enchi de ar, voltei-me para ele e com voz trovejante disse-lhe: - õ nosso amigo!... nada disso, não ē assim que se faz!... Mas, José Alves estava em cima do bote enmurenhado como cão que apanhou pedrada, mas estava fora da água e eu metido atē ao pescoço com o estômago cheio de água!...

Dizem e, ē verdade, que não hā pior cunha que ē a do mesmo pau. José Alves era meu tio, mas não teve pejo nenhum em me meter no fundo para se guindar acima do bote para se salvar." (1)

Expedição Científica



PICO 1991



Em terra o espectáculo não é menos vivo. É raro assistir-se de terra ao que se passa no mar alto. Nos últimos tempos, em 1957 e, em Dezembro de 1965, presenciou-se de terra, à vista desarmada ao arpoamento de onze baleias, no canal entre as ilhas do Pico e de São Jorge.

Por isso, o grande recurso é ainda o rádio. Escuta-se o rádio em casa ou no



café. Formam-se partidos como se aquilo fosse futebol, um Sporting-Benfica. Porque aquela tripulação é a melhor; a que tem um arpoador que já, à sua conta, deu a morte a muitos cetáceos; porque é valente, tem um bom golpe de vista e de pernas, eu sei lá, um cortejo de porquês e outros trantos de adjectivação...



PICO 1991



Hã os que assistem a tudo silenciosos, os de mais idade, que remomoram o que foram e o que sã (2). Muitos deles foram bravos no mar e da pesca ao cachalote. Hoje, sombras do passado, vivem aquele doce momento, como se tivessem rezando as contas de um longo terço. José Lima, já falecido, conta-se como o oficial que mais arpoou na Ilha do Pico.

A baleia vem a reboque. Hã festa na recepção, com música e foguetes. É dinheiro que chega. Homens aprestam-se na faina. Começa o desmanchar de baleia. Quadro vivo que nunca mais se perde na memória.

O **espelho**, instrumento cortante com um grande cabo de madeira entra em função. Um guindaste retira da água outra enorme baleia, e outra e ainda outra. Um nunca mais acabar... Tudo indica que foi desta vez a apanha de um outro cardume. Um cemitério de ouro.

Por toda a parte vasilhas ensebadas, barris de óleo, montões de ossos, resíduos de lenha e toucinho branco, cortados em grandes pedaços. Sobe o fumo nas fábricas, que reduz tudo aquilo a pó em menos de um fósforo. (3) Os cães famintos farejam e comem. Da massa encefálica saiem depois excelentes produtos cosméticos. Quem havia de dizer! O resto é feito para rções de animais. Alguém, aqui ao lado, um entendido, disse-nos que em cada cachalote, em média, está calculada a produção de 4.850 kilos de fino óleo. Em 1963, sô o Arquipélago açoriano produziu 305.813 kilos de farinhas. Os meses melhores para a pesca é de Maio a Setembro, sendo dos melhores meses o de Julho. Mas todos os anos hã acréscimo de produção. E ainda bem que é assim. Hã um cheiro a **fartum**, por toda a parte, que nos fica nas narinas durante um ror de tempo. É um cheiro pestilento que dá a volta ao estômago.

A baleia dá outra riqueza - o âmbar, que é o excremento da fera, de valor precioso como catalizador de perfume. A princípio houve quem pensasse que fosse excremento de aves ou, então, uma forma congelada de goma. O branco é o melhor e relativamente raro. Sô o macho é que produz âmbar. Em 1913, Londres registou a maior quantidade de âmbar: cento e tantos kilos. Posteriormente, na Noruega, em 1931, foi assinalada uma pedra de âmbar com cinquenta e tal kilos.

Enfim, a baleia é sinal de prosperidade, é oiro que entra por todas as portas deste bom povo açoriano através da exportação com o estrangeiro (Holanda, Alemanha,

Expedição Científica



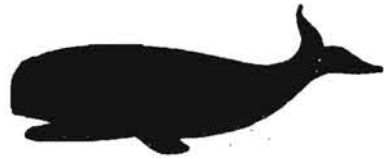
PICO 1991



Espanha, etc.).

E, ao pensarmos no processo rotineiro destes açorianos lembramos o de outros, mais evoluídos e de maior perigo para o homem, como aquele praticado pelos pescadores da Noruega, Inglaterra, Japão, Rússia, África do Sul, Panamá, entre outros mais, em que o arpão é disparado por um canhão. Também o navio-oficina, com instalações das mais modernas e com o mais apreciável equipamento, última palavra dos instrumentos náuticos, mantêm-se no alto mar de Novembro a Abril, e ali procede a todas as operações de aproveitamento dos cetáceos. Apesar de tudo estar previsto, num conforto relativo e num mundo de distração (exibem-se, na sala de projecção, os melhores filmes do ano), todas as épocas enlouquecem homens.(4)

A baleia é de facto uma razão de vida e de morte.



- (1) esta uma das muitas histórias verdadeiras, contadas pelos baleeiros recolhida por Alberto Pereira de Lemos, *Gente da Terra e do Mar*, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. III, nº. 2, 1963.
- (2) Hermann Melville (1819-1891), marinheiro e romancista norte-americano que se dedicou a escrever sobre a pesca à baleia, considerava: o açoriano um dos grandes baleeiros do mundo. Alguns deles, após terminadas as companhas tomaram parte activa na exploração do Far West, na pista das minas de ouro da Califórnia, uma das causas que fomentaram a larga corrente emigratória.
- (3) Como título de curiosidade apontam-se as principais empresas armadoras baleeiras existentes no Arquipélago.
- (4) Georges Blond, in *A Grande Aventura das Baleias* (tradução portuguesa de Carlos Branco, 1966).



PICO 1991

Principais empresas armadoras baleeiras existentes no Arquipélago dos Açores.



- Em **Santa Maria** - Vila do Porto
Companhia Baleeira Mariense, com 4 baleeiras, 2 lanchas de apoio e reboque.
- Em **São Miguel** - Ponta Delgada
União das Armações Baleeiras de S. Miguel Lda., com 10 baleeiras, 5 lanchas de reboque e apoio.
- Na **Terceira** - Angra do Heroísmo
Armação Baleeira Terceirense, Lda., com 6 baleeiras e 2 lanchas de reboque.
- Em **São Jorge** - Velas
Armação Maria Lucinda (José Cristiano de Sousa), com 6 baleeiras e 2 lanchas; no Topo, Armação Serafina Bettencourt, com 4 baleeiras e 2 lanchas.
- Na **Graciosa** - Santa Cruz
Cristóvão da Mota Soares, com 6 baleeiras e 2 lanchas; e a Companhia Baleeira Graciosa Lda., com 4 baleeiras e 1 lancha. (estas duas companhias trabalham em parceria)
- No **Faial** - Horta
Reis & Martins, com 10 baleeiras e 5 lanchas, e a Companhia Baleeira Faialense Lda., com 4 baleeiras e 2 lanchas.
- No **Pico** - Cais do Pico
Armações Baleeiras Reunidas Lda., com 10 baleeiras e 5 lanchas, e nas Lages do Pico: Parceria dos Armadores Baleeiros do Sul do Pico, com 10 baleeiras em actividade e 21 armazenadas, 12 lanchas em actividade e 3 armazenadas.
- Nas **Flores e Corvo** - Santa Cruz das Flores
União das Armações Baleeiras das Flores e Corvo Lda., com 5 baleeiras, 3 lanchas de reboque e apoio.

in: *Ilhas de Bruma*
Roteiro Açoriano
A. LOPES OLIVEIRA, 1967





PICO 1991

Responsável: Prof. Doutor BRANDÃO OLIVEIRA

Responsável interino: Prof. Doutor CAMPOS FERNANDES

Comissão organizadora: Doutor JOÃO TAVARES

Eng. Téc. Agr. Especialista DUARTE S. FURTADO

Dr. FRANCISCO S. PINTO

Com o apoio de: COMANDO NAVAL DOS AÇORES

SECRETARIA REGIONAL DE AGRICULTURA E PISCAS

- (•) Serviços Agrícolas
- (•) Serviços Florestais

CÂMARA MUNICIPAL DAS LAGES

CÂMARA MUNICIPAL DA MADALENA

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO ROQUE

SERVIÇO REGIONAL DE PROTECÇÃO CIVIL



22 a 29 de Junho

Expedição Científica